

**RESENHA: PSICODRAMA. Descolonizando o Imaginário,
de Alfredo Naffah Neto. São Paulo, Brasiliense, 1979.**

Noemi Carvalho NEVES *

Naffah nesta obra tenta fundamentar os conceitos morenianos do projeto de Socionomia, que tem três ramificações principais: a Sociometria, a Sociodinâmica e a Sociatria. Esses fenômenos são interdependentes e complementares e visam apreender o fenômeno social nas suas dimensões básicas.

O autor acredita que o pesquisador social não só deve ter um conhecimento sobre a realidade, mas deve estudar as forças econômico-político-ideológicas (dimensão histórica) para obter a consciência verdadeira, totalizante, transformadora, a consciência prática, a consciência que se adquire na ação coletiva do processo de criação e transformação, como dizia Marx.

Alguns capítulos desse livro também nos elucidam sobre a dominação simbólica que abrange os atos mais insignificantes do cotidiano através da educação e dos automatismos, levando o sujeito quase que completamente à falta de espontaneidade e criatividade e, portanto, à "doença".

Naffah situa as *neuroses* no nível da repetição transferencial, do fechamento à realidade presente e da inconsciência dos papéis desempenhados. E porque representam a perpetuação de uma clivagem fundamental entre o ator e o drama, os labirintos desconhecidos por onde erra o sujeito, deslocado e inconsciente de sua posição concreta diante do mundo, tendo os entraves de uma criança que jamais conseguiu descobrir-se como ser social, como relação, que o sujeito é diagnosticado como neurótico.

A existência *psicótica* é visualizada por ele como uma forma de ser que se constitui, desde o início, como não-ser; expressando uma corporeidade que jamais pode assumir-se como posição espontânea perante o mundo, pois que foi destinada a ser puro receptáculo e expressão de um drama coletivo cujo tema é sua própria morte.

* Professora Assistente Doutora do Departamento de Metodologia e Educação Comparada da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

A impossibilidade de existir-como-desejo, dado que foi destinado a corporificar o desejo-do-outro, que irá distinguir o psicótico do histórico e do fóbico, dois tipos de neuroses que têm sua origem na primeira fase da Matriz de Identidade (Moreno).

É importante a leitura desse texto do Naffah que fundamenta os estudos que explicitam os impedimentos do surgimento da função psicodramática no âmbito sociológico, ou seja, o desenvolvimento das relações sociais e psicológicas dos indivíduos, relacionado-os às estruturas familiares durante todo o processo do desenvolvimento infantil.

O autor ressalta que o psicodrama tem que ser visualizado como um *movimento*, com suas idas e vindas, recaídas e retomadas, mas sempre empenhado numa busca da verdade. Nesse sentido, o psicodrama parte do mundo pessoal e privado mas não se resume nele; sua meta está além e pode-se defini-la como este processo de totalização crescente através do qual o sujeito reencontra e redefine o seu lugar no mundo.

É uma obra polêmica, mas de qualidade, que deve ser conhecida e divulgada não só para os psicólogos psicodramatistas, mas também para os pedagogos que têm uma participação, um compromisso e um envolvimento ao nível da realidade vivida no cotidiano dos alunos.

Esta obra se destina a todos aqueles que não são observadores passivos, mas que querem reconhecer sua situação dentro da própria realidade pesquisada e que querem funcionar como agentes catalizadores dos movimentos latentes de transformação que dela emanam.

(Recebido em 4-03-88 e
liberado para publicação em 06-88)